

Mídias digitais & estratégias para o ensino de Design durante a pandemia de COVID-19

Digital media and strategies for Design teaching during the COVID-19 pandemic

Rejane Spitz

design, mídias digitais, educação, virtual, pandemia.

A súbita necessidade de adoção de medidas de distanciamento social, em função do surgimento da pandemia de COVID-19, obrigou instituições de ensino ao redor do mundo a suspenderem suas atividades presenciais. Com o objetivo de dar continuidade ao processo educacional, várias instituições decidiram, então, passar a oferecer suas aulas e atividades de modo remoto, por meio do uso de recursos tecnológicos digitais. Essa rápida transformação das atividades presenciais em virtuais exigiu dos profissionais de ensino o desenvolvimento de estratégias educacionais inovadoras e criativas. Neste artigo, analisamos o importante papel das mídias digitais para a educação. Apresentamos experiências e estratégias de ensino criativas desenvolvidas, durante a pandemia, por educadores de Design em diversos países, que possibilitaram a continuidade e qualidade de suas atividades educacionais, ainda que sob condições adversas. Em conclusão, discutimos a contribuição das mídias digitais para a construção de novas formas de processos ensino-aprendizagem numa sociedade pós-pandêmica

design, digital media, education, virtual, pandemic.

The sudden need to adopt measures of social distancing, due to the emergence of the COVID-19 pandemic, forced educational institutions around the world to suspend their in-person activities. In order to continue the educational process, several institutions then decided to offer their classes and activities remotely, through the use of digital technological resources. This rapid transformation of face-to-face activities into virtual ones required teaching professionals to develop innovative and creative educational strategies. In this article, we analyze the important role of digital media for education. We present experiences and creative teaching strategies developed, during the pandemic, by Design educators in several countries, which enabled the continuity and quality of their educational activities, even under adverse conditions. In conclusion, we discuss the contribution of digital media to the construction of new forms of teaching-learning processes in a post-pandemic society.

Introdução: COVID-19 no pálido ponto azul

Uma foto do planeta Terra foi tirada, em fevereiro de 1990, pela sonda Voyager 1 da NASA, a pedido do astrônomo Carl Sagan. À uma distância de 6 bilhões de quilômetros, a Terra aparece como um diminuto e pálido ponto azul, em meio à imensa vastidão do espaço cósmico, revelando o quão pequeno e frágil nosso mundo é. Intitulada por Sagan como *Pale Blue Dot* (Pálido Ponto Azul), a imagem se tornou icônica, passando a fazer parte do imaginário coletivo. “Aqui é onde moramos, bem nesse pequenino ponto”, disse ele, apontando para a imagem da Terra, durante a coletiva de imprensa sobre as missões da Voyager, em 1990¹. No livro que publicou alguns anos depois, ele discorreu sobre os aspectos filosóficos e morais que essa imagem lhe sugeria, alertando para questões relativas à sobrevivência da espécie humana e do planeta:

Olhem de novo para o ponto. É ali. É a nossa casa. Somos nós. Nesse ponto, todos aqueles que amamos, que conhecemos, de quem já ouvimos falar, todos os seres humanos que já existiram, vivem ou viveram as suas vidas. [...] Nossas posturas, nossa presunção imaginada, a ilusão de que temos alguma posição privilegiada no Universo, são desafiadas por este ponto de luz pálida. Nosso planeta é uma partícula solitária na grande escuridão cósmica envolvente. (Sagan, 1994, tradução livre)

Na visão de Sagan, essa imagem sintetizava o quão tola era a presunção humana de sua importância cósmica. Diante desse pálido ponto azul tão diminuto, no qual não aparecem as fronteiras geográficas dos países ou mesmo sinais de existência de vida humana (Spinelli, 2019), o cientista entendeu que se deveria tratar com mais bondade uns aos outros, e ressaltou a necessidade de se preservar e valorizar o que denominou como “o único lar que conhecemos”. Diante das ameaças das armas nucleares, químicas e biológicas e dos danos ambientais, Sagan costumava dizer que “alguns podem não gostar da ideia de uma solução global, mas não há saída. Nossa tecnologia tem mostrado que apenas soluções globais vão funcionar.” (Head, 2006, p. XVI).

Os efeitos e consequências da atual pandemia de COVID-19 confirmam muitas das convicções de Sagan em relação à nossa presunção e fragilidade, à nossa aparente unicidade como sociedade, bem como quanto à necessidade de soluções globais. A rápida disseminação global de doenças causadas pelo vírus SARS-CoV-2 - detectado pela primeira vez em dezembro de 2019 - mostrou ao planeta que as fronteiras existentes entre seus países eram apenas simbólicas, de natureza política, não legitimadas ou respeitadas pelo novo “inimigo comum”. Em março de 2020, quando a Organização Mundial de Saúde categorizou o fenômeno como sendo uma pandemia, o pálido ponto azul subitamente se tornou um planeta único, ameaçado pelo vírus.

Para combater a pandemia, políticas e regras foram estabelecidas por governos locais e nacionais ao redor do mundo, as quais variaram, para cada localidade, em função dos indicadores de taxas de infecção e mortes. De maneira geral, contudo, decretaram, de imediato, medidas de

¹ o vídeo referente ao trecho citado pode ser visto em https://www.youtube.com/watch?v=7KBy_QsQDpE&t=5s

distanciamento social – os chamados *lockdowns* - para evitar ou reduzir o contágio. O intenso nomadismo da sociedade contemporânea cessou, de repente, e por completo. Isolados em nossas casas, durante a quarentena, nunca tantos de nós - quase 8 bilhões de habitantes do planeta Terra - estivemos tão fixos num único local, e tão distantes fisicamente uns dos outros, por tanto tempo.

Diante do caos acarretado pelo rápido agravamento da pandemia, e por força da obrigatoriedade de distanciamento social, o uso de tecnologias computacionais passou a ser o principal canal de contato entre seres humanos. Nunca fomos tão pouco móveis, mas, em compensação, tão digitais.

Essa súbita e incomum situação – de um lado, a necessidade de prolongado distanciamento social, e, de outro, a intensificação do uso de tecnologias de informação e comunicação - gerou a temática central deste artigo, que aborda os desafios trazidos por esse fenômeno e seus impactos para o futuro da educação formal.

Tecnologia digital: proximidade social sem contágio

Durante a situação de *lockdown* - que ainda persiste em inúmeras cidades do planeta onde a pandemia ainda não foi debelada – a intensa comunicação verificada por meio de tecnologias digitais reforça a ideia de que o contato social é essencial para o ser humano, e – mesmo que não seja tão efetivo quanto o convívio físico - o contato virtual é melhor do que a ausência de comunicação.

Conectados através de nossos *gadgets* tecnológicos, podemos estar mais próximos uns dos outros, sem o perigo do contágio viral. Os meios digitais nos conectam e nos informam sobre o mundo, em nossas redes sociais, nos permitem fazer reuniões, ter consultas médicas, trabalhar em *home office* e ter aulas online. Para além disso, é também através da tecnologia digital que hoje fazemos contato social. Podemos - se não abraçar - ao menos ver e ouvir as pessoas. Jantares virtuais, espaços de imersão virtual para assistir filmes junto aos amigos, jogos em rede, chamadas em vídeo coletivas, tudo isso ameniza um pouco nossa sensação de solidão, e vem ajudando para que consigamos nos manter, durante tantos meses, em isolamento social.

Nesta sociedade (ainda) pandêmica, a tecnologia digital está tendo um papel fundamental. Na verdade, nunca houve - de fato - um isolamento social, mas apenas um distanciamento físico. Afinal, somos criaturas sociais, e a tecnologia nos permite permanecer sendo assim, mesmo quando confinados em nossas casas. Estamos conectados durante todo o tempo, através dos nossos incansáveis celulares que nunca se apagam, dos nossos notívagos laptops que nunca se fecham. As pontas de nossos dedos - que digitam rápida e constantemente – tampouco descansam. Os universos imersivos consequentes de programação computacional expandiram a capacidade perceptiva humana, que não reside mais apenas no sensorio biológico. De forma transparente e subliminar, a computação imbricou-se, de tal forma, nas esferas sociais, culturais e políticas de nossas vidas, que passou a ser uma camada invisível e essencial ao cotidiano social.

Verificou-se, durante a pandemia, um aumento notável do interesse em tecnologia, o que alguns autores atribuem ao fato da tecnologia não envolver o contato com humanos: “os humanos são perigos biológicos. As máquinas, não.” (Klein, 2020).

A sala-de-aula em nossa casa: educação na pandemia

Em decorrência dessa repentina e inusitada ameaça à vida humana, outro fenômeno - jamais previsto - aconteceu, em escala global: o sistema educacional de todo o planeta fechou as portas de suas instituições acadêmicas, por tempo indeterminado.

Em 17 de março de 2020, a UNESCO anunciou que pelo menos 85 países já haviam parado as atividades presenciais nas suas escolas, impactando quase 800 milhões de estudantes. Duas semanas depois, esse número já havia praticamente dobrado². As implicações de longo prazo da suspensão de todo o sistema educacional global por tempo indeterminado pareciam ser extremamente danosas à sociedade, e houve um temor generalizado de que suas consequências negativas seriam irreversíveis. Por essa razão, a UNESCO optou por apoiar o ensino e o aprendizado de forma remota/à distancia:

A Unesco aconselha a aliviar o impacto sobre o currículo escolar de várias formas. A primeira coisa é fazer o uso mais extensivo possível de todos os recursos à distância, que podem ser pela internet, pela rádio, pela televisão e todas as formas que permitem aprender e manter contato com a aprendizagem a distância³.

No Brasil, em abril de 2020 o Conselho Nacional de Educação (CNE) autorizou a oferta de atividades não presenciais em todas as etapas de ensino, desde a educação infantil ao ensino superior, ressaltando, contudo, que essas poderiam ser por meio digitais ou não, “podendo ser ministradas, por exemplo, por meio de videoaulas, de conteúdos organizados em plataformas virtuais de ensino e aprendizagem e pelas redes sociais, entre outros.”. Foi feita, ainda, a sugestão de que as atividades poderiam ser oferecidas “por meio de programas de televisão ou rádio; pela adoção de materiais didáticos impressos e distribuídos aos alunos e seus pais ou responsáveis; e pela orientação de leituras, projetos, pesquisas, atividades e exercícios indicados em materiais didáticos.” (Agência Brasil, 2020). Seria preciso, contudo, em cada localidade, “observar a realidade das redes de ensino e os limites de acesso dos estabelecimentos de ensino e dos estudantes às diversas tecnologias disponíveis, na hora de definir as estratégias educacionais para o período da pandemia”, sugeria o CNE, ressaltando que atividades remotas não eram obrigatórias: cada instituição podia optar pela reposição da carga horária de forma presencial ao fim do período de emergência – mas como não se tinha a menor ideia de quando seria esse final,

² <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse/>

³ <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1707522>

havia o temor de que essa suspensão viria a dificultar a reposição das aulas e comprometeria o calendário escolar de 2021 e até mesmo de 2022, previa o CNE. A realização de atividades pedagógicas não presenciais visava, primordialmente, evitar “o retrocesso de aprendizagem por parte dos estudantes, e a perda do vínculo com a escola”, o que, segundo o Conselho, poderia levar à evasão e ao abandono.

Embora muitas instituições de ensino – por opção ou em virtude da legislação vigente - tenham optado por interromper suas atividades, várias outras decidiram enfrentar o desafio do ensino virtual, e solicitaram que seus educadores adequassem suas aulas e atividades a essa nova condição - única alternativa possível à total suspensão das atividades presenciais. Assim, enquanto milhões de crianças e adolescentes ao redor do planeta não tiveram aulas durante um período bastante longo – e, infelizmente, muitas delas estão sem aulas desde março de 2020 até os dias de hoje - um contingente de escolas e universidades fizeram um grande esforço para manter suas atividades de ensino de maneira virtual, o que demandou de seus professores a alteração - em caráter emergencial e imediato - de seus métodos e práticas de ensino, a fim de melhor atender a esse novo modelo de ensino-aprendizagem. Em meio ao caos causado pela pandemia, escolas e *campi* universitários - locais tradicionalmente caracterizados por enorme fluxo de pessoas, com intensa interação social e espaços acadêmicos de convivência efervescentes - foram substituídos por salas de aula online, em plataformas virtuais. A responsabilidade em relação à continuidade da educação no planeta passava a estar mais diretamente depositada nas mãos dos educadores, o que lhes exigiu fazer - num curtíssimo espaço de tempo⁴ - a revisão das suas didáticas, conteúdos e métricas de avaliação, de forma a adaptá-los para o meio online.

“Nem híbrido e nem EAD, remoto significa, nesse contexto, que pais e alunos tiveram que participar de uma atividade a distância. [...] Nunca se ouviu falar tanto em sala de aula invertida (*flipped classroom*) – conceito híbrido para educação em modelo presencial e EAD; chats; ambientes virtuais e plataformas digitais especializadas em educação nunca estiveram tanto na moda.” (Carmena et al., 2020, p. 18)

Por sua vez, os alunos e suas famílias também precisaram se adaptar rapidamente a esse novo modelo. Os resultados da pesquisa intitulada “Impactos primários e secundários da Covid-19 em crianças e adolescentes”, desenvolvida pela Unicef, iniciada no ano passado, mostram que 1 em cada 3 alunos tem problemas na conexão à internet, além de não terem equipamentos tecnológicos adequados. Mas as dificuldades para aprender fora dos muros da escola, de forma remota e virtual, transcendem o mero acesso à tecnologia. Cabe ressaltar não apenas a dificuldade dos alunos na obtenção e manutenção dos recursos tecnológicos apropriados para estudar em casa, mas também as dificuldades que suas famílias encontram para oferecer espaço

⁴ No caso da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), tivemos apenas uma semana de intervalo, antes de iniciarmos a dar as aulas de modo online.

adequado e condições de estudo, livre de ruídos e distrações, em suas próprias casas, durante o horário escolar.

A pandemia acarretou uma modificação substancial também da vida em família: à exceção dos profissionais da frente emergencial, a grande maioria dos pais passou a conviver em casa durante todo o dia com os filhos, a assumir mais tarefas de cuidados da casa e preparo das refeições, tudo isso em paralelo às suas tarefas profissionais, agora também exercidas de casa. São inúmeros os relatos na mídia sobre casos de famílias numerosas, convivendo em pequenos espaços, durante a pandemia, e com enorme dificuldade para trabalhar ou estudar de casa, tanto por falta de equipamento computacional em número suficiente para todos os membros da família, quanto por falta de espaço e de privacidade. Em praticamente todos os países do mundo, alunos e professores - e suas famílias e instituições - tiveram que adquirir também equipamentos computacionais pessoais, celulares mais robustos, e aderir a planos sofisticados de acesso à Internet. Embora essas dificuldades fossem gerais, atingiram mais direta e profundamente os oriundos de famílias de media e baixa renda, em moradias menores, com menos privacidade, e sem rendimentos para adquirir equipamentos computacionais ou acesso à Internet.

Enfim, diante dos novos cenários sociais decorrentes da pandemia COVID-19, todos os componentes do sistema educacional – escolas, administradores, docentes, discentes e suas famílias - precisaram se adaptar rapidamente para encontrar soluções adequadas, possíveis e eficientes para os desafios do ensino à distância. E a tecnologia tornou-se absolutamente essencial para que o sistema educacional pudesse continuar a funcionar.

Novos desafios do processo ensino-aprendizagem

A mudança repentina da situação presencial para a virtual exigiu dos educadores o desenvolvimento de novos conteúdos educacionais e métricas de avaliação. Mas, para além das questões de conteúdo, era também preciso conhecer as plataformas e programas que davam suporte à comunicação virtual, para que as aulas pudessem ocorrer. Programas de treinamento intensivo passaram a ser oferecidos pelas instituições, com o objetivo de capacitar rápida e minimamente seus educadores para a nova tarefa. Durante o primeiro ano da pandemia, Carmona et al. (2020) ouviram as emoções, conflitos e paradoxos de profissionais de educação, todos com características muito diversas, mas “igualmente empenhados, envolvidos e conscientes de que não havia nada nas cartilhas, nos planejamentos e nem nos Projetos Pedagógicos de nenhum curso que preparasse alguém para essa realidade.” (p. 15):

“Os salários baixos dos professores e as famílias com as rendas comprometidas não conseguem fazer frente às demandas do ensino a distância, remoto, ou mesmo híbrido. Mas a sala de aula não pode ficar vazia, conteúdos escolares precisam ser “vencidos”, projetos pedagógicos precisam urgentemente da prática e as pessoas também precisam trabalhar, os pais necessitam criar outra dinâmica para o ambiente

doméstico e os professores adaptar os seus conteúdos programáticos para além do espaço físico das escolas, seja em qualquer nível, disciplina ou categoria. (Carmona et al., 2020, p. 16)

Originais experiências educacionais foram vividas ou realizadas, durante a pandemia, por educadores do ensino superior de Arte & Design, em diversos países.

O educador Xavier Abril relata uma experiência colaborativa, realizada com o objetivo de criar um espaço *multiplayer* virtual para a comunidade da FADA-PUCE, no Equador. A ideia era incentivar os participantes a conviverem fora do programa acadêmico, durante a pandemia. Alunos e professores se organizaram como coletivo para reconstruir – virtualmente - o edifício da escola, usando apenas recursos de memória. O website FADA⁵ foi realizado na plataforma *Minecraft: Education Edition* - um jogo multijogador 3D que permite aos usuários navegar no espaço virtual. Cerca de cem pessoas – dentre alunos e professores dos cursos de arquitetura, design e artes - participaram do projeto. Embora alguns tenham relatado o uso de fotografias e recursos do sistema *Google Maps* para “refrescar a memória”, a ideia era reconstruir o local a partir exclusivamente das lembranças coletivas do grupo. O uso de plantas arquitetônicas não era permitido. Os participantes foram incentivados a trocar suas experiências através de conversas no chat do *Minecraft*, e usaram ainda as plataformas *Discord* e *Zoom* (Spitz et al., 2020).

A educadora de Design da *East Carolina University*, Cat Normoyle, fala sobre como a possibilidade de uma aula híbrida – dada de modo presencial e/ou online, de acordo com a escolha de cada aluno – pode vir a oferecer novos horizontes pedagógicos no campo do Design:

Enquanto me preparo para o semestre do outono de 2020, percebo rapidamente, como muitos educadores de Design, que preciso determinar como será o formato “híbrido” de minhas aulas. Preciso projetar a estrutura e o formato da minha classe, e não apenas o currículo. Preciso definir “híbrido”, criar um ambiente de aprendizagem que explora diferentes maneiras de interagir e trocar ideias, expande materiais e recursos para aprendizagem, oferece métodos alternativos para distribuir, consumir e criar conhecimento e testar novos modelos de ensino na academia. (Cat Normoyle, 2020, online)

Normoyle (2020) diz ainda que um de seus objetivos é permitir que os alunos participem presencialmente ou virtualmente, numa classe fluida, uma sala de aula em “realidade mista”, mais inclusiva, mais acessível e igualitária para alunos com diferentes experiências e modos de vida, considerando que a pandemia atuou como um catalizador para uma mudança sistêmica necessária para a academia.

Já Jonathan Kearney, educador da *Central Saint Martins, University of the Arts* em Londres, relata que a necessidade que tivemos de transformar – “do dia para a noite” - todo o ensino para o modo online, levou a maioria das universidades a adotar o que parecia ser a escolha óbvia – aulas em “salas de reuniões de voz e vídeo”, como *Zoom*, *Microsoft Teams* ou em outras plataformas

⁵ <https://bloquefada.github.io>

disponíveis. No entanto, ele considera que existam alternativas que podem proporcionar uma experiência de aprendizagem mais rica em determinadas situações, tais como o chat digitado síncrono. A partir de pesquisa feita com seus alunos, o educador concluiu que o chat digitado síncrono proporciona maior profundidade e riqueza à discussão, não coloca em desvantagem aqueles com conexões mais lentas, ou aqueles que temem usar vídeo por razões culturais, aqueles que lutam para encontrar um espaço privado e silencioso em suas casas, e dá maior confiança àqueles para quem o inglês (a língua do curso) é uma língua adicional.

De fato, um grande desafio para educadores durante a pandemia tem sido a dificuldade de conexão direta com os alunos – já que a grande maioria dos alunos da graduação não liga suas câmeras ou microfones, durante as aulas, mantendo-se, quase sempre, invisíveis e inaudíveis, dificultando sua interação com os professores (Spitz et al., 2020). E mesmo quando o aluno entra no ambiente online, e seu nome aparece na plataforma virtual, como saber se está de fato escutando a aula, assimilando os conteúdos, realizando os exercícios? O relato de nossa experiência, que ocorreu em março de 2020, mostra a dificuldade inicial que tivemos em lidar com o problema, e como resolvemos a questão através da visão inspiradora de Paulo Freire:

Nossa segunda aula já foi online, mas quando comecei a aula virtual - para minha surpresa - tudo o que pude ver foram alguns nomes: as câmeras e os microfones de todos os alunos estavam desligados. Pedi a eles para ativá-los, mas eles responderam que não se sentiam à vontade com isso, e todos se recusaram a fazê-lo. No começo, não fazia sentido para mim: por que todos os meus 30 alunos de Design de mídia digital não ligavam suas câmeras e microfones, permanecendo "invisíveis" e "mudos" durante as aulas, exceto por alguns deles que - ocasional e brevemente - ligaria os microfones para perguntar algo específico? Em virtude de serem estudantes de Design de Mídia Digital, eles não eram o que chamamos de "seres semi-digitais", acostumados a todos os tipos de adaptações virtuais, todos os tipos de plataformas interativas, viciadas em interfaces de jogos, usuários pesados de aplicativos de celular e imersivos meios de comunicação? (Spitz et al., 2020, p. 566).

Participei, naqueles primeiros meses de pandemia, de reuniões de associação de professores da PUC-Rio e da AUSJAL (*Asociación de Universidades Confiadas a la Compañía de Jesús en América Latina*), e da conferencia internacional *Digitally Engaged Learning 2020*, sediada pela *Parsons School of Design*, e percebi que essas questões não eram exclusivas das minhas aulas, mas uma tendência generalizada em todo o mundo, embora ainda não tivesse sido documentada.

Paulo Freire acredita que o educador precisa ter bom senso em relação às situações cotidianas, devendo ser compreensivo e maleável em relação às diferentes realidades do aluno (Freire, 2002). Com o objetivo de entender melhor suas razões, decidi entrevistar informalmente meus alunos, tanto em grupo, durante nossas aulas quanto em particular, em conversas após a aula:

Quase todos relataram que tinham de compartilhar seus equipamentos e espaço com outros membros da família, enquanto ficavam em casa. Por causa de sua falta de privacidade - e falta de vontade de compartilhar a intimidade de seus lares e vida familiar com seus colegas de classe - eles preferiram desligar suas câmeras e microfones durante as aulas. A maioria deles frequentava as aulas dos quartos -

que compartilhavam com os irmãos. Quanto aos alunos de classes de baixa renda, no entanto, a situação era ainda mais delicada: eles mencionaram ter que compartilhar o computador com todos os membros da família e tinham vergonha de mostrar suas casas. Em algum momento, sugeri que os alunos pudessem usar fundos virtuais, mas a maioria deles disse que "não queriam mostrar seus rostos", não apenas suas casas ". Um deles disse: "ele se considerava feio e não queria ver seu rosto na tela". O contágio social foi outra forte razão para esse comportamento coletivo: mesmo os poucos alunos que não tiveram problemas em serem "visíveis" ou "audíveis", relataram que não podiam ir contra a maioria do grupo. (Spitz et al., 2020, p. 567).

Expliquei a eles as razões pelas quais gostaria de vê-los e ouvi-los mais, durante as aulas, mas – diante de seus relatos – aceitei seus motivos. O pacto foi feito. Durante o resto do curso não pedi a eles que ligassem suas câmeras ou microfones novamente, e todas as outras tarefas do semestre foram adaptadas para essa situação. Apesar de sua "invisibilidade" durante as aulas, os resultados foram extraordinariamente positivos. Quase todos os alunos participaram de todas as aulas, produziram um excelente trabalho e suas notas foram mais altas do que nunca nos semestres anteriores deste curso, em mais de 10 anos.

Essa experiência mostra que não há docência sem discência: quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (Freire, 2002).

Considerações finais

Se, quando visto à distância, nosso pálido ponto azul parece ser único e homogêneo, quando o examinamos de perto vemos o quão diverso, dividido e desigual ele consegue ser. A vida não é igual para todos os cidadãos do planeta azul. A disputa pela descoberta da vacina, pelas importações e exportações de equipamentos de proteção e medicamentos, pelos leitos nos hospitais, pelos respiradores, pela ajuda financeira emergencial, pela vaga de trabalho, pela continuidade do seu emprego, pelo acesso à educação online, são questões sócio-políticas que hoje determinam a qualidade de vida – ou mesmo a sobrevivência – de cada cidadão do planeta (Nishio, 2021; Darvas, 2021; World Bank, 2021). Mais de 4,4 milhões de pessoas já morreram até agora como resultado do COVID-19 em todo o mundo (John Hopkins CDC, 2021). Não temos noção do quanto a necessidade de manutenção do distanciamento social ainda vá durar. Pode ser que novas variantes do vírus acarretem novas ondas de contágio, o que nos obrigará a nos isolarmos em nossas casas novamente. Esperamos, contudo, que a aplicação efetiva de vacinas, em escala global, possa vir a nos imunizar definitivamente contra o vírus e nos fazer voltar às ruas e comemorar, com tranquilidade, o fim desse período tão incomum.

De todo modo, algumas importantes lições aprendemos durante a pandemia. Uma delas foi a de que somos, de fato, seres sociais. O isolamento nos entristece e deprime, e a virtualidade pode realmente ajudar a suprir nossa necessidade de estarmos próximos e conectados uns aos outros, quando não podemos estar fisicamente presentes. Também aprendemos que, em algumas atividades, podemos trabalhar remotamente, com igual ou maior grau de eficiência. Isso fará com

que, no futuro, nos desloquemos com menos frequência, que estejamos mais com nossas famílias, mas isso, por outro lado, nos tornará ainda mais dependentes de acesso a redes de dados e equipamentos.

Como será a vida na sociedade pós-pandêmica? Vários autores vislumbram um cenário futuro híbrido para a sociedade, em que atividades remotas, realizadas à distância, de casa, estarão sendo desenvolvidas em paralelo às atividades presenciais desenvolvidas em outros espaços:

Nossas casas nunca mais serão exclusivamente espaços pessoais, mas serão também nossas escolas, consultórios dos nossos médicos, nossas academias e, se determinadas pelo estado, nossas prisões. (Klein, 2020, online, tradução livre).

De fato, muitas escolas situadas em países onde a maioria de sua população já foi vacinada começam a experimentar fórmulas e a adotar métodos para trazer parte dos alunos de volta para o campus em segurança. Embora alguns alunos queiram voltar às atividades presenciais, uma parte substancial dos alunos está preferindo permanecer à distância. As aulas para uma educação híbrida precisam ser estruturadas, portanto, de forma a contemplar dois públicos, em espaços distintos, conjugando o imenso potencial e as qualidades do meio virtual com a riqueza das interações sociais presenciais que ocorrem em sala-de-aula.

Educadores precisam ser mediadores sensíveis, éticos, inclusivos e criativos. Sua capacidade didática, sua competência tecnológica, e sua capacidade de acolher e respeitar o conhecimento dos outros - promovendo o encontro dos diferentes e proporcionando o diálogo de saberes (Dickmann & Dickmann, 2018) – são condições essenciais do novo diálogo estabelecido, nos meios virtuais, entre educadores e educandos.

Estamos aprendendo a nos relacionar com os alunos de forma virtual, explorando novas ferramentas e plataformas online, lendo tutoriais e nos familiarizando com os novos meios virtuais. E estamos nos acostumando à invisibilidade dos alunos durante as aulas remotas, colaborando em atividades coletivas criativas, planejando atividades híbridas, recriando memórias e inventando o futuro. Estamos, enfim, aprimorando nossas práticas pedagógicas, e incorporando saberes e métodos novos que possam dar conta de tantos novos desafios.

Nós – educadores - nunca fomos tão remotos e, ao mesmo tempo, tão presentes.

E nunca fomos tão fundamentais.

Em meio ao luto, à solidão e à incerteza, aprendemos muito durante esse período pandêmico.

Uma das mais importantes lições aprendidas foi a de que a tecnologia nos oferece tanto possibilidades quanto desafios, e que devemos fazer uso de seus recursos em educação de modo crítico, responsável e significativo.

Referências

- Agencia Brasil. (2020). **CNE autoriza atividades não presenciais em todas etapas de ensino**. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-04/cne-autoriza-atividades-nao-presenciais-em-todas-etapas-de-ensino>
- Carmona, R. M., Almeida, L. de, Lacerda, C. de S. Sousa, H. de M. & Silva, J. C. de M. e (orgs). (2020) **A sala de aula na minha casa: desafios da educação em tempos de pandemia**. Cabedelo, PB: Editora UNIESP.
- Darvas, Z. (2021) **The unequal inequality impact of the COVID-19 pandemic**. Working Paper, 06/2021, Bruegel. https://www.bruegel.org/wp-content/uploads/2021/03/WP-2021-06_30032021.pdf
- Freire, P. (2002) **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários À Prática Educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 25ª edição.
- Head, T. **Conversations with Carl Sagan**. University Press of Mississippi, 2009.
- John Hopkins Coronavirus Resource Center (CDC). (2021). <https://coronavirus.jhu.edu>
- Kearney, J. (2020). Escaping zoom, does synchronous typed chat provide a richer experience? **DEL 2020 –Digitally Engaged Learning Conference**, The New School /Parsons NYC,
- Klein, N. Screen New Deal. 2020, May 8). **The Intercept**. <https://theintercept.com/2020/05/08/andrew-cuomo-eric-schmidt-coronavirus-tech-shock-doctrine/>
- Nishio, A. (2021). COVID-19 is hitting poor countries the hardest. Here's how World Bank's IDA is stepping up support. **World Bank Blogs**. <https://blogs.worldbank.org/voices/covid-19-hitting-poor-countries-hardest-heres-how-world-banks-ida-stepping-support>
- Normoyle, C. (2020). A Speculative Future in Design Education Realized. **DEL 2020 – Digitally Engaged Learning Conference**, The New School /Parsons (NYC). <https://www.digitallyengagedlearning.net/2020/sessions/a-speculative-future-in-design-education/#a-speculative-future-in-design-education>
- Sagan, C. (2019). **Pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras.
- Spinelli, P. F. (2019, 1 de junho). A humildade que veio do espaço. Quatro Cinco Um: a revista dos livros. **Folha de São Paulo**. <https://quatrocincoum.folha.uol.com.br/br/resenhas/d/a-humildade-que-veio-do-espaco>
- Spitz, R., Gonzalez, J. R., Ugarte, S., Meythaler, A. A., Abril, X. B. & Membreno, J. (2020). Towards a 'better normal': educational experiences in Design in Latin America during the COVID-19 pandemic. **Strategic Design Research Journal**, v. 13, pp. 564-576.
- Wenzel, E. (2020) **A sala de casa que virou sala de aula**. Folha do Mate. <https://folhadomate.com/noticias/educacao/a-sala-de-casa-que-virou-sala-de-aula/>
- World Bank. (2021). **Global Economic Prospects**, January 2021. <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/34710>

Sobre a autora

Rejane Spitz, doutora, Laboratório de Arte Eletrônica, Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Brasil, rejane@puc-rio.br.